



CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS E FAMILIARES DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA: ESTUDO DE CASO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL

Wladislau Guimarães Silva Chalub

Mestrando em Administração
Universidade Federal de Uberlândia
wladislaumedvet@gmail.com

Morelle Maykon Monteiro Mello

Graduado em Administração
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
morelle22@hotmail.com

Resumo

As horas dedicadas a universidade pelos docentes, seja ela pública ou privada, costumam ultrapassar a carga horária contratada pela instituição. As atividades extraclasse, como atividades voltadas para orientação de alunos, escrever/publicar artigos, atividades administrativas e de preparação das aulas demandam muitas horas de dedicação do profissional que por vezes, sem perceber, esta deixando sua vida social e familiar de lado, este estudo tem o objetivo de verificar como a jornada de trabalho dos professores universitários afeta sua vivência social e familiar, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa, seus objetivos foram descritivos, os procedimentos de coleta de dados foram através de uma entrevista semi-estruturada e analisada seu conteúdo, os resultados mostram que o docente universitário fazem seu trabalho por prazer caracterizando-o como servidor voluntária, dedica-se mais de 4 horas diárias não remunerado as atividades da instituição, e muitas vezes não é reconhecido. Conclui-se que as atividades docentes afetam a vida social e familiar do docente universitário.

Palavras Chave: Excesso de trabalho, Servidão voluntária, Professor universitário.

1 Introdução

Ao calcular as horas dedicadas ao ensino, extensão, pesquisa e atividades extraclasse como trabalhos administrativos, orientação, coordenação, seminários, correção de avaliações, preencher diário e relatórios, alimentar os softwares oficiais etc. a hora de trabalho do docente universitário é excessiva (CARLOTTO; PALAZZO, 2006).

Quando comparamos com outros profissionais 59% dos professores (REIS et al., 2005) apresentam algum distúrbio psíquico relacionado a carga horária de trabalho, enquanto 33% dos enfermeiros (ARAUJO et al., 2003), 24% para trabalhadores de processamento de dados (FERNANDES, 1992) e 19% em metalúrgicos apresentam o mesmo problema (BORGES, 1993)

O conceito social vigente que privilegia a produção e o mercado é refletido no trabalho do indivíduo. Nas instituições de ensino superior é exigida produtividade, assim professores universitários passam a se preocupar não só com as aulas a serem ministradas e suas



atividades extraclasse, mas também com a produção de artigos científicos (Carlotto; Palazzo, 2006)

As atividades dos professores de ensino superior costumam demandar muitas horas além do seu contrato como a dedicação do tempo com planejamento das aulas, correções de provas e avaliações, orientação de trabalhos de disciplina e de trabalho de conclusão de curso, reuniões etc. muitas vezes não são somados no contracheque do profissional (FARIA, 2010).

Os laços familiares e as relações sociais podem ser dificultados quando a jornada de trabalho exige muito tempo do profissional (GOMES, et al. 2007). Além disso, longas horas de trabalho trazem conseqüências muitas vezes irreparáveis para o indivíduo como o risco de depressão do trabalhador (AMAGASA; NAKAYAMA, 2012), laços familiares comprometidos (GOMES, et al. 2007), conseqüências psicossociais e suicídio (ISHIYAMA; KITAYAMA, 1994 e AMAGASA; NAKAYAMA, 2012), doenças cardíacas e morte súbita (HIYAMA; YOSHIHARA, 2008).

Diante do exposto este trabalho busca responder a seguinte questão de pesquisa: Como a jornada de trabalho influencia a vida social e familiar do professor universitário?

O objetivo principal desta pesquisa foi de verificar como a jornada de trabalho dos docentes universitários afeta sua vivência social e familiar, os objetivos secundários são de verificar se há excesso da jornada de trabalho dos professores universitários, considerando trabalho em casa e na universidade e analisar as possíveis conseqüências sociais e familiares do excesso de trabalho

Este trabalho se justifica importante, pois tem a possibilidade de mostrar aos docentes a possível conseqüência do excesso de trabalho e possibilita analisar os resultados em busca de melhorias de qualidade de vida e ao equilíbrio entre trabalho e vida sócio-familiar.

2 Referencial Teórico

Jornada de trabalho do docente

O prolongamento da jornada de trabalho exerce pressão sobre o trabalhador para o aumento quantitativo e qualitativo do trabalho levando ao desgaste do operário. As organizações para aumentar a sua produção aumenta também a carga de trabalho dos seus colaboradores “A hora extra se mantém como um dos instrumentos mais utilizados pelas empresas para sustentar a expansão econômica” (PINA; STOTZ, 2011, p. 170).

A jornada de trabalho do docente vai muito além das horas contratadas para o serviço, além do tempo dedicado na instituição, o professor é dono de muitas atividades extra-classe, e como conseqüência podem levar ao estresse na saúde física e mental do docente, neste sentido Reis et al. (2005) pesquisou sobre a saúde mental dos professores e concluiu que 55,9% dos docentes de sua pesquisa tinha algum distúrbio psíquico, o que é alto se comparar á outros trabalhadores por exemplo 19% em metalúrgicos (BORGES, 1993) 24% em trabalhadores de processamento de dados (FERNANDES, 1992), 33% em enfermeiros (ARAÚJO et al., 2003), e que essas alterações estão associadas ao conteúdo e jornada de trabalho.

A exaustão emocional é comum entre os docentes universitários se considerar a jornada de trabalho 70,4% dos professores de uma instituição publica federal encontra-se com excesso de carga horária que esta relacionada em maior parte a atividade administrativa com dedicação de pelo menos 10h semanais (74,9%), enquanto as atividades com pesquisa (47,1%) e a de extensão (57,8%) também ocupa tempo destes docentes, além disso, os docentes também trabalham com atendimento ao aluno, correção de trabalhos, avaliações, preenchimento de diários e lançamento de notas e freqüência no sistema, em virtude disto, ainda sobra trabalho para o final de semana, obrigando o docente a abrir mão de sua convivência familiar. “Os problemas associados à saúde física, à saúde mental e às doenças



relacionadas ao trabalho, respectivamente, mais citados pelos entrevistados, estão associados à sobrecarga ocupacional” (LIMA; LIMA-FILHO, 2009).

Consequências sociais e familiares da jornada de trabalho excessiva

A depressão é comumente chamada de mal do século e o mal-estar no trabalho é um dos motivos que leva um indivíduo a depressão. A cultura moderna tem se organizado em torno do trabalho, assim o trabalho se tornou um bem simbólico “que articula ordem individual e ordem coletiva em laço social” (JARDIM, 2011)

O vínculo entre um indivíduo e seu trabalho pode ser incentivado, sendo os valores das organizações como “estímulo de sucesso sem limites, a competição individual, o culto a excelência e o orgulho irrestrito ao trabalho” pode levar o trabalhador a sedução e servidão voluntária. A morte de um colaborador que cometeu suicídio estava vinculada a uma “patologia associada à servidão voluntária, patologia essa cada vez mais estimulada como símbolo de sucesso”. O trabalhador estava na empresa havia três décadas e faleceu faltando um ano para aposentadoria, este caso não houve nenhum tipo de assédio, pois o funcionário estava em um emprego muito bem conceituado (FINAZZI-SANTOS; SIQUEIRA, 2011, p.80).

O excesso de trabalho quase sempre é visto como algo positivo e o sofrimento e depressão causada por uma jornada longa de trabalho é considerado como uma fraqueza individual, modo capitalista de trabalho, onde a quantidade de produção é o mais importante na organização é um potencial adoecedor (BERNARDO; GARBIN, 2011)

O excesso de trabalho pode levar a rompimentos da relação social com a família, a pressão por produção no trabalho não houve, em muitos casos, o diagnóstico de depressão especificamente, no entanto, queixas de “tristeza, crises de choro, medo de retornar ao trabalho, insegurança em relação ao trabalho e conflitos na relação familiar” (SALERNO; SILVESTRE; SABINO, 2011, p. 134).

A convivência com a família é importante, principalmente quando faz parte da família crianças, o pouco envolvimento dos pais/responsáveis, ou a falta de atenção ou tempo de algum deles compromete a vida sócio-familiar e constitui fatores de risco para o desenvolvimento infantil, aumentando a vulnerabilidade a eventos ameaçadores, por outro lado o ambiente acolhedor é favorável ao desenvolvimento de laços familiares. “A frequência de comunicação pais-filhos e da participação dos pais nas atividades escolares, culturais e de lazer das crianças” é importante para o desenvolvimento infantil e a vida futura do indivíduo (CIA; PAMPLIN; DEL PRETTE, 2006, p.401).

Dar atenção ao equilíbrio da saúde mental, física e a vida profissional é essencial para um bom desempenho no trabalho (VILAS BOAS; MOURIN, 2016). Além do laço afetivo com a família ser prejudicado com o excesso da jornada de trabalho de um dos membros da família, a ausência dos pais podem levar crianças a desenvolver déficit de atenção e hiperatividade (GOMES, et al. 2007). Distúrbios como depressão e psicopatias em indivíduos adultos, podem ter sido originárias da infância por privação de afeto ou pais ausentes (Zavaschi et al., 2002)

A cultura japonesa de afazeres e pressão social pelo trabalho obsessivo e as consequências psicossociais relacionado ao excesso de trabalho foi alvo de estudo de vários autores (ISHIYAMA; KITAYAMA, 1994 e AMAGASA; NAKAYAMA, 2012) que concluíram haver implicações familiares e conjugais além de estresse e depressão, outros autores afirmam haver relação da carga horária de trabalho com os suicídios por depressão no Japão (AMAGASA; NAKAYAMA; TAKAHASHI, 2005).



As horas exageradas de trabalho pode levar o indivíduo ao estresse profundo e como consequência a morte. “O estresse no trabalho aumenta a secreção de catecolaminas (epinefrina e norepinefrina) e cortisol, associado à progressão da aterosclerose e aumento do risco de doenças cardiovasculares e acidentes vasculares cerebrais” (Ke, 2012, p.54)

O moribundo é um ser fraco, pois se torna insignificante seu conhecimento, onde nada pode ser dito ou feito, um cidadão que não trabalha, um inútil que não pode nem mesmo se oferecer a um trabalho, o moribundo é censurado privado de linguagem. O moribundo é preso a sua própria imagem com seus pensamentos e medos até a chegada de um novo mundo, um lugar que nem mesmo a ciência conhece: a morte (CERTEAU, 1998)

Reforçando os problemas de saúde relacionada ao excesso de trabalho os japoneses que trabalham mais de 50 horas podem desenvolver doenças psíquicas e causar problemas de saúde grave como doença cardíaca, isquêmica, hemorragia cerebral, e morte súbita por excesso de trabalho chamado no Japão de Karoshi (HIYAMA; YOSHIHARA, 2008)

Os mortos são tornados mais visíveis e mais móveis através dessas novas formas de memorização. São levados para fora do espaço heterotópico do cemitério e para os espaços sociais, organizacionais dos vivos. As organizações empresariais são atores significativos no enquadramento da morte (BELL, TAYLOR, 2016)

Competição por produtividade.

A aceleração da produção e o homem como objeto começa com o advento da revolução industrial, no entanto Taylor aciona o botão em busca do melhor tempo de produção para executar uma tarefa (ROSA, 2008).

Apesar do ganho com produtividade sempre é exigido mais energia física e mental dos docentes, estes não são todos os aspectos negativos da corrida por produção, existe ainda o sacrifício da vida pessoal do trabalhador, o lado considerado positivo esta envolvido com o crescimento profissional, o aprendizado e ganhos financeiros (LEMONS; GOTTLIEB; COSTA, 2016)

A partir de então é imposta um ritmo de vida acelerado. Uma organização, como uma construção social é um recurso de produção humana e não ao contrario, assim quando o homem é transformado em coisa não se reconhece que ele é inseparável de sua existência, cultura, consciência e sentimentos. A atividade humana não é a de explorar recursos para produção e sim produzir para a sociedade. “A sociedade inteira está sob pressão diante desta competição generalizada e violenta [...] cujas consequências são o homem descartável, a demanda insatisfeita por reconhecimento e violência psicológica” (FREITAS, 2009, p. 285)

Professores mais antigos das universidades federais, quando não adaptados à lógica do produtivismo, tendem a ser condenados pelos dirigentes que a ela aderiram, no entanto alguns profissionais podem ocultar seu sofrimento uma vez que a instituição não lhes concede suporte ou nem reconhece a dedicação do profissional, todo esse estresse sobre a sobrecarga de trabalho tende a se justificar pelo fetiche de prazer em produzir. Docentes universitários muitas vezes exaltam sua auto-imagem que o conduz e ao mesmo tempo aprisiona (PINTO E SILVA; SILVA JUNIOR, 2010)

A pressão por produção e quantificação já foi amplamente debatido e o sistema de avaliação CAPES é uma estratégia definitiva “É como se o sistema existisse em algum lugar além do social, como algo auto-evidente e irreversível” como se os docentes dedicassem seu tempo exclusivamente a instituição e suas atividades, principalmente as relacionadas a pesquisa (ROSA, 2008, p. 108). Concordando com essa premissa. Os profissionais em pesquisa estão “todos ociosos para demonstrarem suas habilidades [...] há ainda uma pressão



para não publicar em veículos menores”. A tensão por produzir sem parar só pode fazer mal aos envolvidos (BERTONHA, 2009 p.6-7).

Toda essa pressão por produção gera tarefa de casa para os professores acadêmicos que muitas vezes deixam de socializar-se com sua família para atender a demanda de produção. A adoção do artigo científico pela CAPES como produto final de ensino, extensão e pesquisa gerou um surto de produção criando o lema ‘publicar ou morrer’ tem como consequência a intensificação do trabalho docente e prejuízo da saúde física e mental dos pesquisadores (PETRUS; LIMA, 2013)

A produção científica do docente é bastante instigada pelas instituições reguladoras e de fomento à pesquisa, por exemplo a CAPES e CNPq. Para os docentes isso se torna importante para conseguir se manter em programas de pós-graduação e para conseguir financiamentos para pesquisas. Dessa forma, a busca compulsiva pelo aumento da produção acaba desenvolvendo certa competição entre os próprios professores tendo como consequência o cansaço o estresse e à frustração (LIMA; LIMA-FILHO, 2009).

O docente universitário esta inserida no modelo Taylor e Ford quando falamos de produção científica, a corrida por produção fez “os professores começaram a trabalhar mais no marketing do seu currículo que nas suas aulas e em suas pesquisas” (BIANCHETTI; VALLE, 2014)

3 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa quanto seus objetivos é do tipo descritivo, segundo Gil (2008) este tipo de pesquisa descreve fenômenos ou experiência. Para Sampieri, Collado e Lucio (2006) os estudos descritivos coletam informações de forma independente ou conjunta sobre os conceitos a que se referem. Os estudos descritivos para Andrade (2004, p.19) “os fatos são registrados, analisados, classificados e interpretados sem que o pesquisador interfira sobre eles” a maioria dos estudos nas ciências humanas e sociais são incluídas neste tipo de pesquisa.

A abordagem é qualitativa, pois analisamos o conteúdo de forma profunda, para Minayo & Sanches, 1993 a análise qualitativa explica conteúdo de discurso onde a ação objetivada permite atingir os significados latentes.

Quanto aos procedimentos de coletas de dados a pesquisa é do tipo estudo de caso, onde analisamos a carga horária de trabalho dos professores de uma única universidade. Para Santos (2002) o estudo de caso é um objeto de pesquisa restrito, podendo ser qualquer fato ou fenômeno com o objetivo de aprofundar os aspectos característicos do objeto de pesquisa.

As coletas dos dados foram feitas através de entrevistas semi estruturada. A entrevista é uma das etapas mais importante de uma pesquisa (LAKATOS, 1996). As entrevistas semi estruturada “combinam perguntas abertas e fechadas, na qual o entrevistador deve conduzir a entrevista a fim de não fugir do assunto abordado (BONI; QUARESMA, 2005)

Para realização desta pesquisa foi feito um estudo de caso em uma única universidade pública federal, foram entrevistados 7 docentes, na qual 2 foram descartados pelas respostas serem simplistas (sim/não), e não colaborar com o objetivo da pesquisa. O número de docente é justificado pela saturação das respostas.

A entrevista semi-estruturada foi adaptada da pesquisa de Lima e Lima-filho (2009) que permitiu a introdução de outros itens que foram inseridas na pesquisa. Não houve dificuldade em localizar os professores ou marcar entrevistas com os mesmos, mas nem todos tinham disponibilidade de atender outros se negaram a ser entrevistados. Foram feitas análise qualitativa da entrevista semi-estruturada, cada pergunta foi revista para uma análise com profundidade.

Para análise do conteúdo foi criado 3 categorias: (1) Jornada de trabalho (2) servidão voluntaria (3) consequência sócio familiar para jornada de trabalho, de acordo com o tema abordado/falado pelos entrevistados, foram classificados em uma das 3 categorias, algumas

falas dos entrevistados foram descartados pois não fez parte de nenhuma das categorias analisadas.

4 Resultados e Discussão

Características dos entrevistados

Todos os docentes entrevistados e validados para contribuição com esta pesquisa dispõem regime de dedicação exclusiva para com a universidade, no contrato de trabalho têm que dedicar 8 horas diárias a Universidade, no entanto o tempo dedicado as atividades de trabalho ultrapassa 12 horas diárias, os docentes detém o título de doutor e apresentam pelo menos um sintoma de distúrbio psicológico como mostra a tabela 1.

Tabela 1: Características dos docentes

	Sexo	Est. Civil	Tempo de docência	Dedicação (h/dia)	Qualificação	Sintomas relacionados ao trabalho
A	Masc.	Casado	17 anos	Acima de 12	Pós-doutor	Cansaço mental, ansiedade, nervosismo
B	Fem.	Casada	25 anos	Acima de 12	Doutora	Estresse, ansiedade, frustração, angústia, insônia
C	Masc.	Casado	6 anos	Acima de 12	Doutor	Cansaço mental, estresse, insônia ansiedade, frustração, nervosismo
D	Fem.	Casada	15 anos	10-12	Doutora	Estresse e ansiedade
E	Masc.	Casado	32 anos	Acima de 12	Doutor	Frustração

(1) Jornada de trabalho dos docentes universitários.

O resultado desta pesquisa quanto a jornada de trabalho corrobora com a pesquisa de Lima e Lima Filho (2009) e existe uma unanimidade quando o assunto foi jornada de trabalho, os docentes afirmaram que trabalham mais do que o contratado, dedicando mais de 12 horas por dia as atividades do seu trabalho de docente.

De certa forma ocupa mais tempo do que o contratado. Não tem como não extrapolar o tempo contratado (A)

Entre as atividades extraclasse apontada pelos entrevistados estão: Correção de provas (A), Planejamento/preparação de aulas (A; B; C; D; E), Estudos de casos (A) Pesquisa (A; B; D; E), Extensão (A; D; E), Atendimento ao aluno (A; C; D); Participação em eventos (B; C); Trabalhos administrativos (A; B; C; D; E), preencher diário no software (C; E).

Todas essas atividades faço fora do ambiente do trabalho, não tem essa de separação casa/trabalho (D)

[...] tudo isso faz parte da minha carga horária, a partir do momento que estou falando com aluno considero que faz parte de minha carga de trabalho, então trabalhamos pelo menos 16 horas por dia (C)

(2) Servidão voluntária dos docentes universitários

O trabalho para muitas pessoas não é uma simples ferramenta de ganhar a vida, ele tem um papel social, com a interação e vínculos entre as partes, nos fornece parte de nossa identidade pessoal, social e profissional, e também uma fonte de auto estima, então o trabalho possui uma função simbólica de representação de nos mesmos, o trabalho ainda pode



I SIMPÓSIO SUL-MATO-GROSSENSE DE ADMINISTRAÇÃO

mobilizar desejos e sonhos (FREITAS, 2011), deste modo esta pesquisa mostrou que os docentes tem prazer no trabalho que realizam e neste sentido podemos afirmar que quando o trabalho nos dá prazer, podemos na verdade estar colaborando com uma servidão voluntária que por vezes levam os trabalhadores a uma limitação, ainda que não percebida, na relação sócio-familiar.

Quando entra no ritmo do negocio, da instituição, isso afeta a vida pessoal, o que antes fazia por prazer entra numa rotina (B)

É uma dor de cabeça que vc arruma para ter uma satisfação pessoal (E)

No momento estou refletindo sobre o trabalho/atividade social, eu não tenho consciência de estar atrapalhando minha vida pessoal (D)

Eu gosto de fazer o que eu faço, sei que algumas coisas eu não preciso fazer, mais é uma coisa que eu tenho prazer fazendo (E)

Quando o profissional não é remunerado nem reconhecido pelas horas dedicadas ao trabalho, é preciso dizer que este indivíduo faz parte de uma servidão voluntária, como no caso dos docentes, talvez por uma busca individual de sucesso, competição ou como orgulho do trabalho, como afirma Finazzi; Siqueira (2011) O vínculo entre um indivíduo e seu trabalho pode ser incentivado, sendo os valores das organizações como “estímulo de sucesso sem limites, a competição individual, o culto a excelência e o orgulho irrestrito ao trabalho” pode levar o trabalhador a sedução e servidão voluntária.

Se você produzir ou não produzir, você ganha o mesmo valor, não existe nenhum atrativo para fazer mais do que o necessário [...] Não sou remunerado por toda hora dedicada ao trabalho (C).

Se eu me limitasse a dar aulas, eu ganharia a mesma coisa se me envolvesse com todas atividades (E).

Como eu gosto do que eu faço, fico aqui 12 a 14 horas trabalhando, não levo pelo lado ruim (A).

A valorização do papel do professor talvez se dá por toda essa dedicação que temos. (B)

Esta pesquisa mostra que os docentes são servidores voluntários, uma vez que fazem trabalhos que não são remunerados para fazerem, podemos concluir que a motivação do professor universitário não é a remuneração e sim satisfação pessoal, a busca pelo sucesso profissional, e talvez a competição individual uma vez que é necessário produzir ser reconhecido, todo esse trabalho e dedicação a universidade pode causar um déficit na relação social e familiar do docente, ainda que não percebido.

(3) Consequência social e familiar para jornada de trabalho dos docentes

Esta pesquisa corrobora com estudos de Salerno, Silvestre e Sabino (2011); Ishiyama e Kitayama (1994), Amagasa e Nakayama (2012) quando afirmam que o excesso de trabalho



pode levar a rompimentos da relação social com a família e concluíram haver implicações familiares e conjugais além de estresse e depressão.

Já tive que encurtar tempo de uma viagem, filhos e esposa já reclamaram do meu trabalho, já tive atrito familiar (A)

Minha filha já reclamou de que eu trabalho demais (B)

Situações que deixei as vezes de sair com minha família, brincar com meus filhos por estar focado no trabalho (C)

Já deixei de viajar nas férias, passear para submeter artigo, elaborar aula (D)

Já deixei de ir a um aniversário da minha neta que fazia 6 anos eu não participei da festa em virtude do trabalho [...] tinha combinado com a família para fazer uma viagem de férias não pude ir por conta de atividades do trabalho [...] isso se repete ao longo da história.(E)

Dar atenção ao equilíbrio da saúde mental, física e a vida profissional é essencial para um bom desempenho no trabalho (VILAS BOAS; MOURIN, 2016) O excesso de trabalho quase sempre é visto como algo positivo e o sofrimento e depressão causada por uma jornada longa de trabalho é considerado como uma fraqueza individual (BERNARDO; GARBIN, 2011).

Frustração quando você deixa de dedicar à família, quando usa esse tempo para a universidade, se espera algum retorno e nem sempre ele vem, pessoas gastam dinheiro do bolso e não tem retorno isso nos deixa frustrado (E)

Todos os entrevistados já sentiram pelo menos 1 sintoma psicológico relacionado ao trabalho. Quando falamos da consequência social e familiar dos docentes universitários, esta pesquisa mostra que há consequências para o excesso de trabalho para a vida familiar e social dos docentes universitário.

6 Considerações Finais

O objetivo da pesquisa teve êxito verificamos como a jornada de trabalho afeta a vida social e familiar dos docentes universitários.

Ainda descrevemos a servidão voluntária exercida pelos docentes, e confirmamos que a existe um excesso na carga horária dos professores universitária.

Ao criticar o excesso de trabalho dos docentes universitários, não quer dizer somos contra as atividades como ensino, pesquisa e extensão, mas concluímos que deve haver um equilíbrio entre a vida profissional e social e familiar, opondo-se a ideologia do produtivismo.

Este trabalho teve como limite o tempo para realizá-lo, pois fez parte de avaliação de uma matéria do curso de mestrado da UFU. E como pesquisa futura sugerimos aplicar a pesquisa em outras universidades, talvez uma pesquisa quantitativa poderá corroborar com as informações aqui discutidas.



Como contribuição teórica para conhecimento das consequências sociais e familiares para excesso de carga de trabalho dos docentes universitários e ainda aponta as consequências do apego pelo trabalho docente.

A contribuição gerencial desta pesquisa fornece mais uma ferramenta de tomada de decisão dos gestores universitários quanto a jornada de trabalho dos professores universitários, e servir de base para os trabalhadores se posicionarem quanto a servidão.

Referências

AMAGASA, Takashi; NAKAYAMA, Takeo. Relationship between long working hours and depression in two working populations: A structural equation model approach. *Journal of occupational and environmental medicine*, v. 54, n. 7, p. 868-874, 2012

AMAGASA, Takashi; NAKAYAMA, Takeo; TAKAHASHI, Yoshitomo. Karojisatsu in Japan: characteristics of 22 cases of work-related suicide. *Journal of occupational health*, v. 47, n. 2, p. 157-164, 2005

ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2004

ARAÚJO, T. M. et al. Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. **Revista de Saúde Pública**, v. 37, n. 4, p. 424-433, 2003.

BELL, E.; TAYLOR, S. Vernacular mourning and corporate memorialization in framing the death of Steve Jobs, *Organization*, v. 23, n. 1, p. 114-132, 2016

BERNARDO, M. H.; GARBIN, A. C. A atenção à saúde mental relacionada ao trabalho no SUS: desafios e possibilidades. **RBSO**, v. 36, n. 123, p. 103-117, 2011.

BERTONHA, J. F. Produção e produtividade no meio acadêmico. A “ditadura do Lattes” e a universidade contemporânea. **Revista espaço acadêmico**, n. 100, 2009.

BIANCHETTI, L.; VALLE, I. R.. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 22, n. 82, p. 89-109, 2014

BOAS, Ana Alice Vilas; MORIN, Estelle M. Indicadores de Qualidade de Vida no Trabalho para Professores de Instituições Públicas de Ensino Superior: uma comparação entre Brasil e Canadá. **Contextus-Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 14, n. 2, p. 170-198, 2016

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005

BORGES, L. H.; FARIA, M. A. M. Transtornos mentais menores entre trabalhadores de uma usina siderúrgica. **Rev. bras. saúde ocup**, v. 21, n. 77, p. 7-18, 1993.

CARLOTTO, Mary Sandra; PALAZZO, L. S. Síndrome de burnout e fatores associados: Um estudo epidemiológico com professores [Factors associated with burnout's syndrome: An epidemiological study of teachers]. **Cad Saúde Pública**, v. 22, p. 1017-1026, 2006

CERTEAU, M. de. O inominável: morrer. In: _____ *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 293-303

CIA, F.; PAMPLIN, R. C. O.; DEL PRETTE, Z. A. P. Comunicação e participação pais-filhos: Correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 16, n. 35, p. 395-406, 2006



- DE FREITAS, Henrique MR; DA CUNHA JÚNIOR, Marcus VM; MOSCAROLA, Jean. Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, v. 32, n. 3, 1997
- FARIA, G. S. S.. Organização do trabalho do professor: jornada, contrato e conflitos trabalho-família. *Revista Eletrônica Teses e Dissertações*, v. 1, n. 3, 2010.
- FERNANDES, S. N. P. Trabalho informativo e distúrbios psíquico emocionais: estudo seccional em três empresas de processamento de dados de Salvador-BA [Dissertação de Mestrado]. **Salvador: Universidade Federal da Bahia**, 1992.
- FINAZZI-SANTOS, M. A.; SIQUEIRA, M. V. S. Considerações sobre trabalho e suicídio: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v. 36, n. 123, p. 71-83. 2011.
- FREITAS, M. E. A Metáfora da Guerra e a Violência no Mundo do Trabalho. In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. **Simbolismo organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2009.
- FREITAS, M. E. Suicídio, um problema organizacional. **GV EXECUTIVO**. vol.10 nº1 jan/jun 2011
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paul: Atlas, 2010.
- GOMES, M. et al. Conhecimento sobre o transtorno do déficit de atenção/hiperatividade no Brasil. **Jornal brasileiro de psiquiatria**. Rio de Janeiro. Vol. 56, n. 2 (2007), p. 94-101, 20
- HIYAMA, Toru; YOSHIHARA, Masaharu. New occupational threats to Japanese physicians: karoshi (death due to overwork) and karojisatsu (suicide due to overwork). *Occupational and environmental medicine*, v. 65, n. 6, p. 428-429, 2008
- ISHIYAMA, F. Ishu; KITAYAMA, Akio. Overwork and career-centered self-validation among the Japanese: Psychosocial issues and counselling implications. **International journal for the Advancement of Counselling**, v. 17, n. 3, p. 167-182, 1994
- JARDIM¹, Sílvia. Depressão e trabalho: ruptura de laço social. **RBSO**, v. 36, n. 123, p. 84-92, 2011.
- KE, Der-Shin. Overwork, stroke, and karoshi-death from overwork. **Acta Neurol Taiwan**, v. 21, n. 2, p. 54-9, 201
- LEMOS, A. H. C.; GOTTLIEB, L. S. N.; COSTA, A. S. M. P. Performance and Prestige: Dilemmas for Contemporary Professionals. *Organizações & Sociedade*, v. 23, n. 79, p. 539-552, 2016
- LIMA, M. F. E. M.; LIMA-FILHO, D. O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 3, p. 62-82, 2009
- MINAYO, Maria Cecilia de S.; SANCHES, Odécio. Quantitative and qualitative methods: opposition or complementarity?. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n. 3, p. 237-248, 1993
- PATRUS, R.; LIMA, M. C. A formação de professores e de pesquisadores em administração: contradições e alternativas. **Revista Economia & Gestão**, v. 14, n. 34, p. 4-29, 2014.
- PINA, J. A. et al. Participação nos lucros ou resultados e banco de horas: intensidade do trabalho e desgaste operário. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 123, n. 36, p. 162-176, 2011.



I SIMPÓSIO SUL-MATO-GROSSENSE DE ADMINISTRAÇÃO

REIS, E. J. F. B; et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 5, p. 1480-1490, 2005

ROSA, A. R.. "Nós e os índices": um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, v. 48, n. 4, p. 108-114, 2008

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, A. R. Metodologia científica: a construção do conhecimento. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2002

SILVA PINTO, E.; JUNIOR SILVA, J. R. Estranhamento e desumanização nas relações de trabalho na instituição universitária pública. **revista histedbr on-line**, v. 10, n. 38e, 2010

SILVESTRE, M. P.; SABINO, M. O. Interfaces LER/saúde mental: a experiência de um centro de referência em saúde do trabalhador do estado de São Paulo. **RBSO**, v. 36, n. 123, p. 128-138, 2011

ZAVASCHI, M. L. S. et al. Association between childhood loss trauma and depression in adulthood. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 24, n. 4, p. 189-195, 2002